

Francisco de Aquino Júnior

A Igreja de Jesus

Missão e constituição



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Aquino Júnior, Francisco de
A Igreja de Jesus: missão e constituição / Francisco de Aquino Júnior. – São Paulo:
Paulinas, 2021.

120 p. (Coleção Primícias)

ISBN 978-65-5808-088-6

1. Igreja Católica 2. Igreja Católica - Missão 3. Eclesiologia 4. Concílio Vaticano II
(1962-1965) I. Título II. Série

21-3042

CDD 262

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica 262

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
João Décio Passos
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Sandra Simzato*
Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*
Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

*Em memória agradecida e comprometida de
Dom Fragoso e Pe. Alfredinho, profetas do Reino nos sertões
de Crateús e dos Inhamuns – CE (no centenário de seu nascimento).*

Siglas e abreviações

AG	Decreto <i>Ad gentes</i>
AL	Carta Encíclica <i>Amoris laetitia</i>
DAP	Documento de Aparecida – V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
DCE	Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i>
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil (2019-2023)
DV	Constituição Dogmática <i>Dei verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i>
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et exsultate</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et spes</i>
LE	Carta Encíclica <i>Laborem exercens</i>

LG	Constituição Dogmática <i>Lumen gentium</i>
Medellín	II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
NA	Declaração <i>Nostra aetate</i>
NMI	Carta Apostólica <i>Novo millennio ineunte</i>
Puebla	III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris missio</i>
SA	Sínodo para a Amazônia: Documento Final
Santo Domingo	IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
SC	Constituição <i>Sacrosanctum concilium</i>
SRS	Carta Encíclica <i>Sollicitudo rei socialis</i>
TMA	Carta Apostólica <i>Tertio millennio adveniente</i>
UR	Decreto <i>Unitatis redintegratio</i> sobre o ecumenismo
UUS	Carta Encíclica <i>Ut unum sint</i>

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo I Processo de renovação da Igreja.....	15
1. Concílio Vaticano II.....	16
2. Recepção latino-americana do Concílio.....	20
3. Francisco e a tradição conciliar/latino-americana.....	23
Capítulo II Igreja: sacramento do reinado de Deus	27
1. Relação Jesus Cristo – Igreja	30
2. Igreja – “sinal e instrumento” do reinado de Deus	33
3. Imagens bíblicas da Igreja	36
4. Notas constitutivas da Igreja.....	42
5. “Igreja dos pobres”	50
6. Dimensão ecumênica e inter-religiosa	53
Capítulo III Igreja: povo de Deus.....	57
1. Comunidade	60
2. Carismas e ministérios	71
3. Sinodalidade	81

Capítulo IV Desafios eclesiológicos.....	93
1. “Recuperar o projeto de Jesus”	96
2. Deixar-se “guiar pelo Espírito”	99
3. Viver em comunidade	102
4. “Não deixar cair a profecia”	105
 A modo de conclusão:	
por uma Igreja verdadeiramente eucarística.....	109
 Referências bibliográficas	113

Introdução

O *Concílio Vaticano II* provocou uma mudança muito grande na Igreja, tanto no que diz respeito à sua missão no mundo (sacramento de salvação ou do reinado de Deus) quanto à sua constituição e organização (povo de Deus, com seus carismas e ministérios). E a *Igreja latino-americana*, a partir da Conferência de Medellín, concretizou essa missão em termos de libertação e também concretizou o povo de Deus, a partir de comunidades eclesiais de base e das várias estruturas de comunhão e participação na Igreja. Inserido nessa tradição conciliar/latino-americana, o *papa Francisco* tem retomado com vigor e criatividade esse processo de renovação eclesial. Tem insistido muito em uma renovação missionária da Igreja como movimento de “saída para as periferias” e na recuperação de seu dinamismo sinodal como forma e caminho de renovação/reforma das estruturas da Igreja.

Tudo isso tem provocado muita reação na comunidade eclesial. E não poderia ser diferente, já que está em jogo aqui a

identidade mesma da Igreja em sua missão e constituição. Alguns veem e vivem esse processo com alegria e entusiasmo: um “novo pentecostes”, uma “volta às fontes”, uma “nova primavera”, uma renovação evangélica da Igreja. Outros veem e vivem esse processo com tristeza e indignação: mundanização da Igreja, ruptura ou negação da tradição, heresia etc. Essas diferenças produzem conflitos e divisões, que muitas vezes terminam em agressões e inimizades.

O objetivo deste pequeno livro de eclesiologia é ajudar a refletir sobre o mistério da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, de sua recepção latino-americana e de sua retomada pelo papa Francisco. E o objetivo desta reflexão é colaborar com a retomada do processo de renovação eclesial. Para isso, começaremos falando do movimento de renovação da Igreja desencadeado pelo Concílio; trataremos de dois pontos fundamentais nesse processo: missão e constituição da Igreja; e concluiremos indicando alguns desafios atuais no processo de renovação/reforma da Igreja.

Do ponto de vista do conteúdo, não há propriamente novidade neste texto. No máximo, poder-se-ia destacar a escolha, a formulação e a articulação dos temas que, por si mesmas, revelam uma compreensão da Igreja. O que faremos aqui é simplesmente retomar alguns pontos importantes sobre o mistério da Igreja, presentes em documentos do magistério e na reflexão dos teólogos. A novidade mesma talvez esteja na forma e na linguagem do texto. Em geral, os escritos teológicos sobre a Igreja são textos grandes, com muitas informações, com muitos termos técnicos que dificultam sua leitura e compreensão para pessoas que não têm hábito de leitura nem estão familiarizadas com a linguagem mais técnica da teologia. Sem comprometer a seriedade e o rigor da reflexão, pretendemos

oferecer um texto relativamente pequeno, centrado em pontos essenciais da vida da Igreja, sem muito tecnicismo, com estilo, linguagem e, acima de tudo, sabor e espírito evangélico-pastoral.

Oxalá a leitura deste texto ajude a redescobrir o caráter e o dinamismo salvíficos da missão da Igreja; revigore os vínculos e a alegria da pertença e corresponsabilidade eclesiais; e contribua no processo permanente de renovação/reforma da Igreja em movimento de “saída para as periferias” e em “dinamismo sinodal”.

Limoeiro do Norte – CE

Festa de Pentecostes

(em tempos de pandemia do coronavírus)

CAPÍTULO I

Processo de renovação da Igreja

Muita coisa mudou na Igreja nas últimas décadas: litúrgica (língua vernácula, participação da comunidade, ministérios); compreensão da Igreja (povo de Deus com seus carismas e ministérios, discípulos-missionários); envolvimento com os problemas da sociedade; opção preferencial pelos pobres; surgimento de comunidades, pastorais e movimentos; assembleias, conselhos, coordenações; bispos e padres mais próximos do povo; conferências e sínodos dos bispos; lideranças pastorais; encontros e cursos de formação; cursos de teologia etc. A lista seria longa demais... Certamente, há muita distância entre o discurso e a prática, entre os documentos oficiais da Igreja e a vida concreta de nossas paróquias e dioceses. E certamente há opiniões muito diferentes sobre essas mudanças: positivas e negativas. Mas, apesar da distância e das contradições entre a teoria e a prática e da diversidade de posições sobre isso, não se pode negar que houve uma mudança profunda na Igreja a

partir da segunda metade do século passado. Talvez muita gente não se dê conta dessa mudança porque já nasceu nesse ambiente novo. Mas basta perguntar a uma pessoa mais idosa como era a Igreja antigamente e o que mudou na Igreja nas últimas décadas para se ter uma ideia do que aconteceu.

Uma mudança assim tão profunda e radical não acontece de uma hora para outra nem a toque de mágica. É fruto de um longo e doloroso processo que envolve ousadia e criatividade, conflitos, incompreensões e até condenações. Para se entender bem essa mudança na Igreja é preciso considerar as profundas transformações que aconteceram na sociedade nos últimos séculos (modernidade), as tensões e os conflitos da Igreja com essas mudanças (Igreja x modernidade) e os esforços teológico-pastorais de pequenos grupos/setores, normalmente incompreendidos e até condenados, de diálogo e interação com o mundo moderno (movimentos de renovação na Igreja).

É nesse contexto que se pode entender a importância e a novidade do Concílio Vaticano II e do movimento de renovação/reforma da Igreja por ele desencadeado. O que era um “movimento” marginal e marginalizado ganha, com João XXIII e o Concílio por ele convocado e inaugurado, densidade e centralidade institucionais. E é no seio desse processo mais amplo de renovação eclesial que se pode compreender a caminhada da Igreja latino-americana e o atual processo de reforma com o papa Francisco.

I. Concílio Vaticano II

Sem dúvida nenhuma, o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o acontecimento mais importante e mais determinante na

vida da Igreja católico-romana no século passado.¹ Provocou mudanças profundas na compreensão, na organização e na ação da Igreja. Inaugurou uma nova etapa na história da Igreja. O papa João Paulo II fala do Concílio como um “acontecimento providencial”, reconhece que ele marca “uma nova época na vida da Igreja” (*TMA*, 18) e afirma que nele se encontra uma “bússola segura” para orientar a caminhada da Igreja no novo milênio (*NMI*, 57). E o papa Francisco se refere ao Concílio como “uma atualização, uma releitura do Evangelho na perspectiva da cultura contemporânea”; diz que ele “produziu um movimento irreversível de renovação que provém do Evangelho” e que “agora é preciso ir em frente”.²

É claro que o Concílio é um acontecimento eclesial e só pode ser compreendido dentro da Tradição eclesial. Nesse sentido, não se pode falar de ruptura radical ou de descontinuidade total, tampouco se pode ofuscar ou negar as rupturas que ele provocou com a mentalidade e o estilo de Igreja que se impôs nos últimos séculos. Desse modo, não é possível considerá-lo mera continuidade, como se não tivesse acontecido nada de novo e como se tudo continuasse como antes. Uma compreensão correta e honesta do

¹ Cf. VALENTINI, Demétrio. *Revisitar o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2011; ALMEIDA, Antonio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015; BRIGHENTI, Agenor. *Em que o Vaticano II mudou a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016; LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005; ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2006.

² PAPA FRANCISCO. *Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina* (03/03/2015). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html.

Concílio deve reconhecer sua *novidade eclesial* (descontinuidade) e seu profundo *enraizamento na Tradição da Igreja* (continuidade). Aliás, “toda renovação da Igreja” deve se dar em vista de uma “fidelidade maior à própria vocação”. Ela é chamada por Cristo a uma “reforma perene” (UR, 6).

Poderíamos falar muitas coisas sobre o Concílio: os movimentos e processos que foram abrindo espaço e criando um ambiente eclesial que tornasse possível seu acontecimento; o processo mais imediato de sua preparação e realização; os grandes temas abordados; as tendências e os conflitos internos, a importância e a contribuição dos papas João XXIII e Paulo VI; os bispos, teólogos e grupos mais influentes, as principais mudanças etc. E sobre isso há muito material disponível.

Vamos destacar aqui apenas dois pontos ou aspectos que consideramos essenciais e decisivos no processo de renovação conciliar da Igreja: sua *missão* de ser “sacramento” de salvação ou do reinado de Deus no mundo e sua *constituição* como “povo de Deus”, com seus carismas e ministérios.

O Concílio fala da Igreja a partir e em função de sua missão de ser “sacramento” de salvação ou do reinado de Deus no mundo (LG, 1, 5, 9, 48, 59). A Igreja não pode ser pensada apenas como uma organização social, preocupada com o seu funcionamento e o seu crescimento (“sociedade perfeita”). É claro que ela é uma sociedade, instituição ou corpo social. Não é uma abstração. Mas o que caracteriza essa sociedade, instituição ou corpo social é sua missão salvífica. É nesse sentido que o Concílio fala da Igreja como “sacramento”. Ela deve ser “sinal e instrumento”

(sociedade/instituição/corpo) de salvação ou do reinado de Deus (missão). E essa missão se realiza no mundo e envolve todas as dimensões da vida (*GS*). Não é apenas “salvação da alma” nem se dá apenas “depois da morte”. Começa aqui e envolve a totalidade da vida. Por isso, a Igreja não pode ser indiferente ao mundo, aos problemas do mundo. Ela tem que se preocupar e se envolver com os problemas do mundo, já que sua missão consiste precisamente em ser “sinal e instrumento” de salvação ou do reinado de Deus no mundo.

Por outro lado, o Concílio fala da Igreja como “povo de Deus” (*LG*, 9-17) com seus carismas e ministérios. Ela não é constituída apenas pelos ministros ordenados nem é essencialmente uma “sociedade desigual” (clero x leigo). Essa mentalidade que predominou na Igreja durante muitos séculos terminava reduzindo a Igreja à hierarquia e comprometendo a condição de “povo de Deus”, que é comum a todos os batizados. É claro que o Concílio não nega a importância, o lugar e a função própria do ministério ordenado. Isso é constitutivo da Igreja. Mas começa tratando do que é comum a todo povo de Deus: “mesma dignidade”, “verdadeira igualdade”, “sacerdócio comum”. E, só então, passa a tratar do ministério ordenado ou “sacerdócio ministerial” e das “formas de vida” que existem no seio do povo de Deus: laicato e vida religiosa.

Isso provocou uma verdadeira revolução na compreensão e no dinamismo da Igreja naquela época; uma revolução que se deu através de uma “volta às fontes” do cristianismo e que significou, como pretendia o papa João XXIII, uma retomada e uma atualização da grande Tradição da Igreja no mundo contemporâneo.

2. Recepção latino-americana do Concílio

O processo de renovação/reforma eclesial desencadeado pelo Concílio Vaticano II encontrou na América Latina sua expressão mais fecunda, mais dinâmica e mais eficaz. Não seria exagero afirmar que a Igreja latino-americana foi a que levou mais a sério e foi mais longe no processo de “recepção criativa” do Concílio.³

Um marco fundamental e decisivo nesse processo foi sem dúvida nenhuma a Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968). Ela foi pensada e gestada como “recepção” do Concílio na América Latina ou, na expressão de dom Fragoso, como “esforço de latino-americanizar o Concílio Vaticano II”.⁴ Dom Helder Camara chega a dizer que, “para a América Latina, as Conclusões desta Conferência – que aplicam ao nosso Continente as determinações do Concílio e, em nome do Concílio, levam-nos a assumir, plenamente, nossa responsabilidade em face do momento histórico da América Latina – devem ter o mesmo sentido que para o mundo inteiro devem ter os documentos conciliares”.⁵ Não por acaso, falou-se tanto de Medellín como um “autêntico

³ Cf. BEOZZO, José Oscar. *Pacto das Catacumbas*: por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015; BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo*: Eclesiogênese – a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1991; CODINA, Victor. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 185-213; VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus*: processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 422-443.

⁴ Cf. BEOZZO, José Oscar. Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois. In: GODOY, Manuel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *50 anos de Medellín*: revisitando os textos, retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 9-27, aqui p. 21.

⁵ CAMARA, Dom Helder. *Circulares pós-conciliares*: de 25/26 de fevereiro de 1968 a 30/31 de dezembro de 1968. Recife, CEPE, 2013, v. IV, tomo II, p. 236.

Pentecostes”, que marca uma “nova etapa” na vida de nossa Igreja. Com ela, nasce uma Igreja com identidade e rosto autenticamente latino-americanos: encarnada em nossa realidade, envolvida com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” de nossos povos (GS, 11), comprometida – até o martírio – com sua causa e suas lutas. Nenhuma outra conferência do Celam terá tanto impacto na vida de nossa Igreja. Nisso residem sua importância e insuperabilidade.

De fato, Medellín desencadeou um processo de renovação eclesial que foi dando identidade e rosto próprio à nossa Igreja e repercutiu até mesmo no conjunto da Igreja. Marcou decisivamente os rumos da Igreja latino-americana na segunda metade do século passado: as opções pastorais, o dinamismo eclesial, o magistério, a reflexão teológica e, em boa medida, as Conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Foi, sem dúvida, o fato eclesial mais importante do século XX.

Sobre a “recepção criativa” do Concílio na América Latina ou sobre processo de renovação eclesial desencadeado pela Conferência de Medellín, poderíamos falar muitas coisas. Mas, também aqui, vamos nos restringir a dois pontos ou aspectos que consideramos essenciais e decisivos nesse processo: a concretização da *missão* em termos de libertação e a concretização do *povo de Deus* a partir de comunidades eclesiais de base e das várias estruturas de comunhão e participação na Igreja.

Se o Concílio fala da missão da Igreja como “sacramento” de salvação ou do reinado de Deus no mundo, a Igreja latino-americana concretiza essa missão em termos de *libertação* de toda forma de injustiça e dominação em um *mundo de pobres e marginalizados*.

A recepção do Concílio se dá aqui fundamentalmente a partir da intuição e do projeto originais de João XXIII, de diálogo da Igreja com o mundo, que encontrou sua melhor expressão na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, e sua insipiente teologia dos “sinais dos tempos”. Isso vai levar a uma *inserção* da Igreja na realidade latino-americana e a um *compromisso* com os pobres e marginalizados, e com suas lutas por libertação, ou ao que, sobretudo a partir da Conferência de Puebla, se convencionou denominar “opção preferencial pelos pobres”. A Conferência de Aparecida chega a afirmar que essa opção é “uma das peculiaridades que marcam a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (*DAp*, 391).

Outra característica fundamental do processo de renovação eclesial na América Latina foi a tradução/concretização do “povo de Deus” em *comunidades eclesiais de base*, como lugar de oração, vida fraterna e compromisso com os pobres, e onde se exercitam e se desenvolvem carismas e ministérios importantes e necessários para a vida da comunidade e para sua missão no mundo. Certamente, a Igreja como povo de Deus não se esgota na comunidade de base, mas tem aí sua expressão mais elementar e fundamental. E certamente a Igreja latino-americana desenvolveu muitos outros processos criativos e fecundos de comunhão eclesial: colegialidade episcopal, compreensão e exercício do ministério ordenado, vida religiosa inserida, carismas e ministérios, estruturas de coordenação e articulação pastoral etc. Mas todos esses processos, de alguma forma, estão vinculados a essa expressão básica e fundamental do povo de Deus, que é a comunidade eclesial de base. As CEBs marcaram decisivamente a recepção do Concílio na América

Latina. Puebla se refere a elas como um “fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso” (*Puebla*, 629).

3. Francisco e a tradição conciliar/latino-americana

O ministério pastoral do papa Francisco só pode ser compreendido nessa tradição conciliar/latino-americana.⁶ Sua importância e novidade residem precisamente na retomada desse processo de renovação eclesial. Não por acaso, tem-se falado tanto de uma “nova primavera” na Igreja com Francisco, expressão que foi utilizada para se referir ao processo de renovação/reforma conciliar. De fato, ele retoma e atualiza no contexto sócio-eclesial atual a tradição que vem do Concílio e de Medellín.

Não seria exagerado afirmar que Francisco realiza uma *síntese peculiar* das intuições e orientações teológico-pastorais do Concílio Vaticano II e da Igreja latino-americana. *Síntese*, porque se trata, na verdade, de retomada e atualização das intuições e orientações fundamentais do Concílio e da caminhada eclesial latino-americana; não é algo absolutamente novo. *Peculiar*, pelo modo próprio de retomada e atualização, fruto, em boa medida, de sua experiência pastoral, que se materializa em gestos, acentos, linguagem, falas e documentos, preocupações e prioridades pastorais etc.

⁶ Cf. HUMES, Cláudio. *Grandes metas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2017; REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018; TRIGO, Pedro. *Papa Francisco: expressão atualizada do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019; AQUINO JÚNIOR, Francisco. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, 2019; idem. *Renovar toda a Igreja no Evangelho: desafios e perspectivas para a conversão pastoral da Igreja*. Aparecida: Santuário, 2019.

O núcleo de seu projeto de renovação/reforma eclesial pode ser formulado em termos de “Igreja dos pobres” ou “Igreja em saída para as periferias do mundo”. Trata-se de um profundo descentramento eclesial (*Igreja em saída*). Nisso ele é muito fiel ao Concílio: a Igreja não existe para si, mas como “sinal e instrumento” de salvação no mundo. Contudo, não se trata de uma saída qualquer, para qualquer lugar ou com qualquer finalidade, mas sim de uma saída para a humanidade sofredora e para ser sinal e mediação da misericórdia e da justiça de Deus (saída para *as periferias*). Nesse sentido, ele é fiel àquilo que Jon Sobrino chamou de “o legado ‘secreto’ do Vaticano II” e que a Conferência de Aparecida define como “uma das peculiaridades que marcam a fisionomia” da Igreja latino-americana: “opção preferencial pelos pobres”. A intuição de fundo está formulada de modo muito simples, claro e direto no discurso que Francisco fez em Kangemi, um bairro da periferia de Nairóbi – Quênia (África): “O caminho de Jesus começou na periferia, vai *dos* pobres e *com* os pobres para todos”.⁷

Em sintonia com o que dissemos anteriormente a respeito da renovação conciliar e latino-americana, vamos destacar aqui também dois aspectos fundamentais do processo de renovação eclesial desencadeado por Francisco, que dizem respeito à *missão* e à *constituição e organização* da Igreja.

Francisco tem insistido muito que a Igreja não existe para si nem pode estar centrada em si mesma. Ela existe para a missão e

⁷ PAPA FRANCISCO. *Visita ao bairro pobre de Kangemi, Nairóbi – Quênia*: discurso. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html. Acesso em: 25 ago. 2020.

sua missão é “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176), particularmente nas periferias do mundo (EG, 20, 46, 191). Por isso, ele tem alertado constantemente contra o “mundanismo espiritual”, que é a “autorreferencialidade” da Igreja (EG, 93-97), e insistido tanto na centralidade dos pobres e de todas as pessoas que sofrem na vida da Igreja: “Prefiro uma Igreja acidentada e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias estruturas. [...] Mais que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus pede-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’” (EG, 49).

Ao mesmo tempo que promove uma renovação missionária da Igreja, Francisco tem reagido constantemente contra o clericalismo (EG, 102), insistindo na estrutura sinodal da Igreja⁸ e na corresponsabilidade de todos na missão evangelizadora (cf. EG, 110-134) e falado da necessidade e urgência de “conversão pastoral” e/ou de “reforma na Igreja” (EG, 25-33). Nesse contexto, tem retomado uma série de temas ou questões referentes à estrutura e à organização da Igreja que emergiram no Concílio e que foram interrompidos ou se tornaram assunto proibido: Igreja como povo de Deus, protagonismo dos leigos, colegialidade episcopal, estatuto

⁸ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 25 ago. 2020.

teológico e jurídico das conferências episcopais; primado do bispo de Roma; função, organização e funcionamento da Cúria romana; lugar e participação da mulher na Igreja; estrutura paroquial; estruturas de participação na Igreja, dentre outros...

Temos, aqui, uma espécie de “eclesiologia fundamental”, que nos confronta com o núcleo do mistério da Igreja (missão e constituição) e que orientará nossa reflexão.